


Apresentação

O paradigma emergente do comparatismo Sul-Sul

José Luís Jobim¹ 

Wail Seddiq Hassan² 

Silvio Renato Jorge
Editor-chefe dos
Estudos de Literatura

Este número especial da revista *Gragoatá* centra-se no paradigma emergente do comparatismo Sul-Sul. Convidamos à submissão trabalhos que abordassem as seguintes questões: Que concepções de comparação podem ser desenvolvidas se conectarmos literaturas do Sul Global? Como a comparação Sul-Sul pode contribuir para repensar o âmbito e os limites da pós-colonialidade? Que tipo(s) de semelhança ou interconexão pode(m) servir de base para a comparação entre as literaturas do Sul Global? Que tipos de hegemonia e resistência se tornam visíveis quando se considera o Sul Global como uma categoria na Literatura Comparada? Qual é o papel da diáspora e das minorias na *elaboração das* ou no *desafio* às concepções de nação e nacionalidade no Sul Global? Como estas diásporas são apagadas e/ou lembradas para definir o que constitui as identidades nacionais? O que está em jogo na interpretação de diferentes tradições literárias e culturais dentro do amplo quadro de referência do Sul Global?

Pelo menos desde o século XIX a vertente dominante da disciplina acadêmica que veio a ser conhecida como Literatura Comparada tem-se declarado internacionalista, opondo-se ao nacionalismo estreito. Mas esse tem sido um internacionalismo altamente qualificado, mais expansivo e generoso na teoria do que na prática. Embora a geopolítica não tenha sido um tema frequente nas discussões disciplinares

¹Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Ciências da Linguagem, Niterói, RJ, Brasil.
E-mail: jjobim@id.uff.br

²University of Illinois at Urbana-Champaign, Department of Comparative Literature, Urbana-Champaign, Illinois, USA.
E-mail: whassan@illinois.edu

Como citar:

JOBIM, José Luís; HASSAN, Wail Seddiq. O paradigma emergente do comparatismo Sul-Sul. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 67, e67658, maio.-ago. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i67.67658.pt>

da Literatura Comparada, a disciplina tem estado historicamente mergulhada em rivalidades europeias que resultaram na valorização de algumas literaturas nacionais (francesa, britânica, alemã e, em menor grau, espanhola e italiana) e na negligência de literaturas europeias minorizadas. Do mesmo modo, as histórias da disciplina começam com o contexto germano-francês das décadas de 1820-1830, enquanto os primórdios da disciplina de Literatura Comparada e a ideia de literatura mundial nos diálogos literários hispano-italianos das décadas de 1780-1790 são sistematicamente apagados (Hassan, 2019, 2021).

Assim, os critérios desenvolvidos no seio de algumas tradições europeias foram utilizados para desqualificar ou classificar outras como inferiores, tanto na Europa como fora dela, incluindo as tradições escritas e orais da Ásia, da África e dos povos originais das Américas e da Oceania, muitas das quais existem há milhares de anos. Ao comparar o “Novo Mundo” com o Velho, prevaleceram muitas vezes as “teorias da falta” (Jobim, 2020), de tal modo que o “Novo” foi considerado como carente daquilo que já era conhecido no Velho. Isto é certamente verdade também para as literaturas asiáticas mais antigas, como a árabe, a chinesa, a indiana, a japonesa e a persa.

Embora a independência política das colônias latino-americanas no século XIX e da maioria das nações asiáticas e africanas no século XX fosse importante em si mesma, não garantia a independência cultural. Como Machado de Assis escreveu, em 1873, “Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo” (Assis, 2018, p. 407). Ainda hoje há poucas dúvidas de que o eurocentrismo persiste em numerosas esferas culturais nas antigas colônias.

Isso é especialmente verdade nos estudos literários. A expansão da disciplina de Literatura Comparada desde a década de 1980 para incluir literaturas da América Latina, África, Médio Oriente e Ásia do Sul e Oriental, para não falar de tradições europeias e norte-americanas anteriormente marginalizadas, raramente desafiou a centralidade das principais literaturas europeias. Muitas posições contra a velha matriz eurocêntrica, incluindo os estudos pós-coloniais, têm frequentemente preservado a Europa como ponto de referência e principal interlocutor naquilo que anteriormente se chamava de Terceiro Mundo, ou atualmente de Sul Global, perpetuando, assim, práticas eurocêntricas de valorização/desvalorização crítica e literária, de inclusão/exclusão. Privilegiar as relações entre regiões do Sul Global, ou o que estamos designando como “comparatismo Sul-Sul”, aponta uma saída para esse impasse, embora sem garantias, enquanto os critérios, conceitos, teorias e enquadramentos eurocêntricos continuarem a orientar o trabalho de comparação. Em outras palavras, uma epistemologia diferente, não eurocêntrica, tem de orientar o trabalho de comparação Sul-Sul, se quisermos renovar a Literatura Comparada.

De certa forma, a própria noção de “Sul Global” pode ser vista como um conceito eurocêntrico. Começou sendo uma designação econômica proposta pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, para designar a África, a América Latina, o Caribe, a maior parte da Ásia e a Oceania (excluindo a Austrália e a Nova Zelândia), distinguindo-a do “Norte Global” (América do Norte e Europa, Israel, Japão, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia). O “Sul Global” substituiu, assim, termos pejorativos como “Terceiro Mundo” e o seu sucessor do pós-Guerra Fria, o “Mundo em desenvolvimento” – ambos comparativos no âmbito de uma teoria de desenvolvimento centrada no Ocidente. Nesse sentido, “Sul Global” é oferecido como um termo comparativo alternativo, um equivalente discursivo, supostamente neutro em termos de valores, ao “Norte Global”.

Mas há uma outra genealogia para o conceito de “Sul Global” que localiza os seus primórdios nas lutas antirracistas e anti-imperialistas que animaram movimentos como o Movimento dos Não-Alinhados, que emergiu da Conferência de Bandung de 1955, o Movimento Tricontinental, dos anos 1960, e, mais recentemente, organizações como os BRICS. Longe de aceitar a ordem global que beneficia os antigos e atuais imperialismos, essa forma de solidariedade do Sul Global, cuja genealogia é analisada por Anne Garland Mahler em *From the Tricontinental to the Global South*, procura alterar o *status quo* tanto no plano geopolítico quanto no plano cultural.

Nos estudos literários, o termo “Sul Global” vem sendo utilizado de forma mais ampla do que nas relações internacionais, referindo-se sobretudo às literaturas e culturas das regiões abrangidas pelo termo, mas também às literaturas e culturas de minorias desfavorecidas do “Norte Global” e às literaturas minorizadas do próprio “Sul Global”. De fato, Theo D’haen (2025) argumenta, na sua contribuição para esta edição, que as críticas ao eurocentrismo tendem a considerar a Europa como um bloco indiferenciado, negligenciando o que pode ser descrito como “uma relação intra-europeia Sul-Sul, se compararmos diretamente obras de duas ou mais literaturas europeias ditas menores ou de menor dimensão”.

O conceito abrange também um vasto leque de práticas já existentes no âmbito de quadros estabelecidos, como as esferas linguísticas pós-coloniais – a anglófona, a francófona, a hispanófona e a lusófona – e os seus correspondentes departamentos específicos de línguas. Um legado dos impérios coloniais europeus, o trabalho nestas áreas tende a confinar-se a uma ou duas dessas línguas, embora possa agrupar diferentes tradições nacionais ou regionais, como os estudos da América Latina e do Caribe, da África lusófona e do Brasil, da África francófona e do Caribe, ou da Ásia do Sul, África e Caribe anglófonos. Nesses contextos, os países e regiões com várias línguas tendem a ser divididos segundo linhas linguísticas, de tal modo que as literaturas árabe e francófona do Norte de África são estudadas separadamente; do mesmo modo, as

literaturas das Caraíbas em inglês, francês e espanhol são estudadas nos respectivos departamentos linguísticos, mas raramente de forma comparativa.

Outro quadro já estabelecido no âmbito do qual as relações Sul-Sul são examinadas é o dos estudos de área, ao estilo dos EUA, que incluem os estudos da América Latina e do Caribe, os estudos africanos, os estudos do Oriente Médio, os estudos do Sul da Ásia e os estudos do Leste Asiático. Em cada um destes campos multidisciplinares as culturas e tradições majoritárias e minoritárias/minorizadas são estudadas em vários países da mesma região macrogeográfica. Um exemplo de estudos comparativos num quadro inter-regional, ou de estudos de área, é o número anterior da *Gragoatá* (vol. 29, nº 65, 2024), que tratou do trabalho de uma importante comparatista, Ana Pizarro, a qual coordenou debates sobre literatura na América Latina e editou os três volumes de *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Esses debates e publicações representam um exemplo de cooperação intelectual Sul-Sul, ainda que dentro de uma mesma região, e uma tentativa coletiva de construir modos de ver a literatura e a cultura que ainda hoje suscitam discussões acaloradas.

Outra área estabelecida é a das minorias étnicas e raciais, como os estudos da diáspora africana ou os estudos indígenas. Esses podem apresentar problemas especiais quando estão em causa tradições maiores e menores. No caso da Região Norte do Brasil, por exemplo, Carvalho, Santos, Mibielli e Campos (2025) consideram que, entre outras coisas, “...a tradição que existe não se configura como literária, no sentido de publicada, mas como tradição narrativa, e por narrativa entenda-se a tradição da oralidade, como suporte para o desenvolvimento das artes verbais indígenas”. A própria noção de “vazio cultural” (Mibielli, 2017, p. 237), aplicada à Amazônia, seria derivada da aplicação de critérios inadequados que utilizam como modelo as regiões sudeste e sul do Brasil, nas quais há forte presença da cultura impressa.

No domínio da Literatura Comparada, uma disciplina que sempre se centrou na Europa e que exige o estudo da literatura não só para além das fronteiras nacionais, mas também, e fundamentalmente, em várias línguas, o paradigma Sul-Sul representaria um avanço significativo, se a combinação de línguas e literaturas estudadas não se enquadrasse nos padrões estabelecidos nos estudos de área e pós-coloniais. Esse tipo de trabalho representa uma nova tendência na Literatura Comparada e enfrenta obstáculos devido ao fato de exigir o conhecimento de línguas que não são habitualmente estudadas em conjunto, mas é uma tendência crescente. Os exemplos incluem trabalhos sobre literaturas e culturas árabe-latino-americanas (Abdel-Nasser, 2022), árabe-argentinas (Civantos, 2007), árabe-brasileiras (Hassan, 2024), egípcio-cubanas (Morsi), afro-sul-asiáticos (Desai, 2017), e do Atlântico Sul (Bystrom e Slaughter, 2013).

No entanto, é importante ter em conta que mesmo as posições antieurocêntricas continuam frequentemente a utilizar quadros de

referência eurocêntricos ou a manter a Europa como um dos pólos da comparação. Embora as relações Sul-Sul sejam por vezes examinadas no âmbito dos quadros estabelecidos dos estudos pós-coloniais e de área, isso não deve obscurecer o fato de que o seu paradigma operativo ou abrangente continua a ser o do Norte-Sul, uma vez que a constituição histórica desses campos de estudo teve como premissa a centralidade das relações coloniais ou imperiais. A questão, então, deveria ser: que tipo de novo conhecimento o paradigma Sul-Sul possibilita? Será que esse conhecimento reforça as estruturas de poder existentes ou oferece uma alternativa descolonial do gênero da descrita por Walter Mignolo e Karen Walsh (2018)?¹ Esperamos que o tema deste número especial e os artigos nele incluídos estimulem a reflexão sobre estas e outras questões relevantes.

¹ Uma tentativa de caracterizar uma tal epistemologia descolonial para esta nova dimensão dos estudos literários comparativos é “Comparing the Literatures of the Global South” de Wail Hassan.

Referências

ABDEL-NASSER, Tahia. *Latin American and Arab literature: Transcontinental Exchanges*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022.

ASSIS, Machado de. Reflections on Brazilian literature at the present moment: The national instinct. *Journal of World Literature*, v. 3, n. 4, p. 403-416, 2018. (Special Issue: Unexplored Perspectives of World Literature, nºn. 1).

BYSTROM, Kerry; Joseph SLAUGHTER (ed.). *The Global South Atlantic*. New York: Fordham University Press, 2017.

CARVALHO, Fábio Almeida de; SANTOS, Fernando Simplício dos; MIBIELLI, Roberto; CAMPOS, Sheila Praxedes Pereira. Quando o Norte é Sul: o comparatismo visto da Amazônia Brasileira. *Revista Gragoatá*, v. 30, n. 67, 2025.

CIVANTOS, Christina. *Between Argentines and Arabs: Argentine Orientalism, Arab Immigrants, and the Writing of History*. Albany: SUNY Press, 2007.

CIVRIEUX, Marc de. *Watunna – An orinoco creation cycle*. Translator David Guss. San Francisco: North Point Press, 1980.

D’HAEN, Theo. South-south comparison – comparing the “rest” beyond the west. *Revista Gragoatá*, v. 30, n. 67, 2025.

DESAI, Gaurav. *Commerce with the Universe: Africa, India, and the Afrasian Imagination*. New York: Columbia University Press, 2013.

HASSAN, Wail S. *Arab Brazil: fictions of ternary orientalism*. New York: Oxford University Press, 2024.

HASSAN, Wail S. Comparing the literatures of the global south. In: LONGXI, Zhang; AZADIBOUGAR, Omid (ed.). *The Routledge Companion to global comparative literature*. London: Routledge, 2025. p. 264-279.

HASSAN, Wail S. Geopolítica da comparação: a literatura mundial avant la lettre. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 37, p. 37-46, 2019.

HASSAN, Wail S. Geopolitics of Comparison: World Literature avant la lettre. *Comparative Literature* v. 73, n. 3, p. 255-269, 2021.

JOBIM, José Luís. *Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações*. Rio de Janeiro: Makunaima, 2020.

MAHLER, Anne Garland. *From the tricontinental to the global south: race, radicalism, and transnational solidarity*. Durham: Duke University Press, 2018.

MIBIELLI, Roberto. Tupy or not tupy, that is the question. O vazio e a questão da circulação literária e cultural na Amazônia: pensando uma literatura. In: JOBIM, José Luís (org.). *A circulação Literária e Cultural*. Oxford: Peter Lang, 2017. p. 229-254.

MIGNOLO, Walter and Catherine WALSH. *On Decoloniality: concepts, analytics, praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.

PIZARRO, Ana (org.) *La literatura latino-americana como processo*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.